REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 808

10 DE JUNHO DE 1901

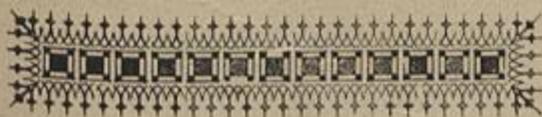
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONDE DE S. JANUARIO

FALLECIDO EM 27 DE MAIO DE 1901

CHRONICA OCCIDENTAL

Viagens da familia real. Partiram no *Sud-express* para Italia a Rainha sr.ª D. Maria Pia e o sr. Infante D. Affonso. Devem no dia 20 partir para os Açores El-Rei, sr. D. Carlos, e a Rainha sr.ª D. Amelia.

A Rainha mãe vai a Roma assistir ao baptisado da recem-nascida princeza, sua sobrinha, filha dos reis de Italia. Seguiram com ella viajem a sr.ª Marqueza de Unhão, viadores Duque de Loulé e Benjamin Pinto, o medico dr. Mello Breyner e o sr. Alfredo de Albuquerque, ajudante do sr. D. Affonso.

Maior comitiva acompanhará El-Rei sr. D. Carlos aos Açores e Madeira, onde se preparam grandes festejos para receber suas majestades. O programma ainda não está definitivamente organisado, mas as festas, passeios, bailes e recitas hão de succeder-se sem interrupção. O telegrapho tem trabalhado incessantemente n'estes ultimos dias.

E' certo que com o maior brilhantismo será feita a recepção. Nas ilhas tudo está preparado, não só para que suas majestades sejam condignamente acolhidas, mas para que nada falte aos muitos visitantes, que, aproveitando o ensejo que se lhes offerece d'uma viajem encantadora, hão de acompanhar El-rei na sua digressão pelas mais formosas ilhas do Oceano.

Antes de deixar Lisboa, quiz a sr.ª D. Amelia pôr mais uma pedra n'uma das suas melhores obras, a assistencia nacional aos tuberculosos.

Conhecida, como é, a caridade de Sua Majestade, e as muitas sympathias que inspira a quantas a conhecem, tendo corrido sua fama, é natural a anciedade com que a esperam, para mais uma vez acclamal-a, os povos dos Açores e Madeira. Não se esquecerá decerto a bondosa Rainha dos seus desgraçados e mais uma vez o encanto, que d'ella dimana e acaricia os corações, se transformará em abençoadas esmolas.

Foi grande a receita que a Assistencia obteve com a toirada á antiga portugueza que no domingo, 2 do corrente, se realisou na Praça do Campo Pequeno, dizendo-se que attingira uma quantia approximada de seis contos de réis. Alem do fim sympathico do espectaculo, muitas causas para tal resultado concorreram.

A festa correspondeu ao que d'ella se esperava. Havia muitos annos que em praças publicas não eram corridos toiros de manadas reaes, e era grande o desejo de ver como elles se portariam. O curro sahiu bom e os amadores puderam brilhar á vontade. As honras da tarde couberam aos cavalleiros Luiz do Rego e Victorino Froes e ao forcado Marcellino de Azevedo, que fez uma péga brilhantissima.

Dois dias depois, inaugurava-se na rua do Alecrim o instituto de Assistencia Nacional aos Tuberculosos. A Rainha, sr.ª D. Amelia, não quiz faltar com a sua presença á commovedora ceremonia. Ella deu o grande impulso á grande obra, ella desveladamente continuará protegendo-a. Devotadamente a tem acompanhado na missão piedosa o sr. D. Antonio de Lencastre, medico da casa real, um dos nomes mais illustres da medicina portugueza.

N'esse primeiro dia obtiveram consulta trinta e quatro doentes, que foram observados pelos medicos srs. Alfredo Luiz Lopes (director) Aragão Moraes, Bento Alves e Sousa Teixeira.

A sr.ª D. Amelia esteve presente durante a consulta, interessando-se pelos doentes e muito especialmente por uma rapariga ainda muito nóva, que lhe mereceu particular sympathia pelo estado adeantado da doença, que ha muito a vem minando. Mas tudo tem a esperar, do auxilio da sciencia e da caridade com que lhe vão agora acudir.

E não serão a sciencia e a caridade quem maiores prodigios podem obrar n'este nosso tempo? As ultimas descobertas scientificas no campo da medicina vão dando resultados que assombram pela sua grandeza, e que, ha pouco mais de vinte annos, seriam inacreditaveis até como possibilidade. Venha a caridade fazer o milagre maior de pôr o prodigio d'uma quasi resurreição ao alcance dos pobresinhos.

Morreu agora uma senhora, em volta da qual uma lenda se formou e que, desde ha muitos annos, excitava a curiosidade de todos os frequentadores de bailes de mascaras. Chamavam-lhe a *Saloia dos Carnavaes*. Só agora se soube quem ella era. Logo que se annunciavam os primeiros bailes, vestia o seu fato de saloia, pegava no cabazinho com flores, no mealheiro, e lá ia por ahi fóra, subindo escadas, descendo escadas, pelos corredores do theatro, pelos cafés, entre o reboliço das contradanças, ouvindo chalaças e até insultos, respondendo com sorrisos e pedindo esmola para os pobres.

Era uma mulher do povo, natural de Torres Vedras, e chamava-se Hygina da Conceição Martins. Diz-se que assim punha em pratica a caridade,

por motivo d'uma promessa que fizera, achando-se gravemente enferma.

Os pobres deveram-lhe muito e por isso sua memoria é hoje abençoada por todos a quem valeu, e tambem por aquelles a quem ella despertou um sentimento bom, muita vez em meio da maior ignomia.

Quantas maneiras de exercer a caridade! E que sympathias desperta sempre!

Muitas rainhas de Portugal ficaram celebres na historia pelo coração que mostraram: a Rainha Santa, a Rainha D. Leonor, e nos tempos modernos, trez rainhas, a sr.ª D. Estephania, a sr.ª D. Maria Pia e a sr.ª D. Amelia.

Será ainda a caridade tão conhecida d'uma rainha, que maior enthusiasmo despertará na população das formosas ilhas brevemente visitadas. El-rei sr. D. Carlos e a sr.ª D. Amelia visitarão os hospitaes do Funchal, Ponta Delgada, Angra e Horta. Os infelizes em meio de tantas festas terão tambem seu quinhão de felicidade.

O sr. presidente do conselho acompanha El-rei na sua viagem. Natural da Ilha de S. Miguel, calcula-se facilmente como n'esta occasião solemne será recebido pelos seus patricios. Alguma alegria lhe virá illuminar o espirito, ensombrado decerto pelos ultimos acontecimentos da politica portugueza.

Continúa a ser muito debatido em todos os centros o caso de rubelião do sr. João Franco Castello Branco e de muitos homens notaveis na politica que o acompanham, contra o actual governo regenerador.

Hintzaceos e francaceos nos seus jornaes, nos differentes centros da provincia, continuam guerreando-se com todo o enthusiasmo de velhos amigos que deixaram de o ser. Não ha peores luctas que as d'uma mesma familia, quando se põe em desacôrdo. Em alguns jornaes de Lisboa houve grandes modificações; começou a contradança dos administradores de concelho.

Como se não bastasse para embaraçar o governo a attitude do sr. João Franco, veio o sr. João Arroyo com o seu pedido irrevogavel de demissão, motivada pela nomeação do sr. Pimentel Pinto, ministro mais moderno, para a vaga que a morte do sr. conde de S. Januario deixou no Conselho de Estado.

Reuniu se este, ha dias, para resolver sobre o pedido que o sr. presidente do conselho fez afim de serem dissolvidas as camaras. Effectivamente a scisão que se fez no partido enfraqueceu consideravelmente a maioria com que o governo podia contar nas duas camaras.

O pedido de dissolução foi muito discutido no conselho de estado, pronunciando-se contra ella muito abertamente o sr. Julio de Vilhena, que a classificou inconstitucional. Deram seu voto favoravel apenas os srs. Hintze e Pimentel Pinto, e, com resalva de declarações feitas, o sr. Frederico Arouca. Os restantes conselheiros de estado presentes, sr. José Luciano, Veiga Beirão, Conde de Ficalho, Julio de Vilhena e João Franco deram seu voto em contrario. Entretanto El-Rei assignou o decreto convocando as novas côrtes geraes para o dia 2 de janeiro do proximo anno de 1902.

O governo em dictadura vai portanto proceder ás novas eleições, não tendo muito tempo a perder, porque, claro está, todos os partidos de opposição, e mais que todos o novo partido dos francaceos, vão trabalhar a valer.

Nem sequer no verão, que já nos vem ameaçando com seus calores, poderão governo e opposição dormir sua sesta socegada! O papão por todos os lados vai espreital-os.

No verão estamos, no mez dos dias santos.

Já lá vai o primeiro, o Corpo de Deus, com sua procissão tradicional, d'antes tão bella, a mais linda festa que se fazia em Lisboa, agora tão decahida! Era em tempos antigos o mais curioso espectaculo que na capital se organisava e d elle temos enthusiasticas discripções. Foi decahindo, decahindo, e hoje apenas S. Jorge, o pagem, o homem de ferro e os pretos obteem um ou outro olhar distrahido. Pois representam bellas tradicções, por muito comicas que muitos as queiram ver. Foi n'uma procissão do Corpo de Deus que D. João II apresentou á população de Lisboa cheia de curiosidade os primeiros pretos que lhe lhe trouxeram da Guiné e, desde então, mais ou menos ridiculamente vestidos, elles appareceram no estado de S. Jorge.

Mez dos santos!... E' um mez alegre. E' o mez dos foguetes, das fogueiras, das cantigas novas ao desafio, o mez dos dias muito grandes e das noites muito curtas, que n'um rufo se passam em claro, com tão lindas estrellas no ceo, tão lindo luar como tem estado! São as danças de roda, é a ida até á fonte ao romper d'alva! Até as raparigas são mais bonitas n'essa noite e os rapazes mais apaixonados, que o S. João e o Santo Antonio teem fama de casamenteiros.

Em Lisboa esses dias são bulhentos, mas nem por isso são alegres para quem não gosta da alegria ruidosa. Muita corneta, muito apito, muita bomba, muita gritaria na Praça da Figueira, no Rocio, na Avenida e mais nada. Interessante um ou outro baile de varinas.

A feira de Alcantara é que ha de animar-se, como é costume e as barracas vão fazer melhor negocio.

Mas as feiras teem estado pouco pacatas. Houve muita pancada na de Sacavem e até na de Alcantara houve pancada. Uma gota de vinho em cada cabeça mandando rachar a cabeça d'outro.

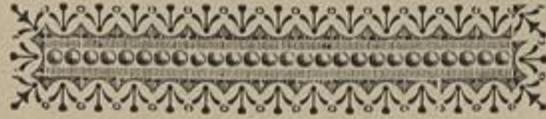
As luctas politicas de que ha pouco falavam hão de ser mais serias, que o que sobe aos cerebros n'essas regiões é outra qualidade de estonteamento mais perigoso. E' de esperar entretanto que se não tornem a dar casos, como esse que ha pouco motivou o duello do sr. João Franco Castello Branco e Dr. João Pinto Rodrigues dos Santos, que ficou ferido por um golpe de sabre na mão direita. O encontro realisou-se na estrada militar perto da Ameixoeira, sendo testemunhas do sr. João Franco os srs. Dr. Luciano Monteiro, José Lobo e do sr. Pinto dos Santos o sr. Dias Costa e Tavares Festas.

O sangue não foi muito felizmente. O fanatismo politico não tem feito victimas em Portugal, que possam nem de longe lembrar os casos tragicos que n'outros paizes se tem dado.

Lá se enforcou agora na prisão o famoso Bresci, que assassinou o rei Humberto de Italia.

E, n'este momento tão alegre para a familia real italiana, a noticia veio decerto recordar-lhes uma lembrança das mais tristes.

Nem é de invejar a sorte dos reis nos tempos que vão correndo. Quem d'elles ainda mais gosa é algum desthronado, é, por exemplo, essa rainha Ranavalo, que os francezes trouxeram de Madagascar e que, ha dias, estava no *Nouveau Cirque* contentissima a dar palmas á palhaçada. De dia anda a ver casas de modas, de noite no theatro. E desthronada!... Aquillo é que é vida!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONDE DE S. JANUARIO

Depois da prolongada doença, que desde ha bastantes mezes vinha assustando a familia e os amigos, falleceu em Paço d'Arcos, terra da sua naturalidade, o antigo ministro da guerra e da marinha, Conde de S. Januario.

Tendo nascido em 1827, contava portanto 74 annos de edade, mas ainda demonstrava uma grande robustez.

Januario Correia d'Almeida era bacharel em mathematica pela Universidade de Coimbra, onde foi estudante distincto. Seguiu depois o curso de estado maior, em cujo corpo esteve até obter o posto de general, passando depois para o quadro auxiliar.

Em 1880 foi nomeado membro da camara alta e pouco depois foi chamado pela primeira vez aos conselhos da corôa pelo então presidente do gabinete progressista, Anselmo Braamcamp. Encarregou-se da pasta da marinha e exerceu com distincção o logar, tomando muitas medidas favoraveis ao desenvolvimento das colonias, que perfeitamente conhecia, tendo n'ellas desempenhado commissões importantissimas, taes como as de governador geral de Cabo Verde, do Estado da India e de Macáo e Timor.

Foi tambem governador do districto de Braga, do Funchal e do Porto.

Nos districtos de Vianna e Braga esteve servindo como director das obras publicas.

Esteve na China, Sião e Japão como ministro plenipotenciario de Portugal e nas republicas da America do Sul esteve tambem em missão diplomatica. De volta á patria publicou o seu livro: «Missão do Visconde de S. Januario nas republicas da America do Sul, comprehendendo a descripção das republicas de Paraguay, Uruguay, Argentina, Bolivia, Perú, Chili e Mexico.»

Era pois muito grande e importante a sua folha de serviços.

O Conde de S. Januario era conselheiro de estado, presidente honorario da Sociedade de Geographia e da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e da Sociedade Academica Indo-china, ajudante de campo de Sua Majestade e possuidor de muitas gran-cruzes nacionaes e estrangeiras.

Foi concorridissimo o enterro do illustre official, que, pelo seu caracter e longa vida, que sempre levou honrada, conquistou devotados amigos. Suas Majestades fizeram-se representar e enviaram os seus coches para conduzir o feretro.

A' beira do tumulo discursaram commovidamente os srs. Pimentel Pinto e Sebastião Telles.

O sr. Conde de S. Januario deixa viuva e umas filhinhas a quem endereçamos os nossos sentidos pezames.

TEIXEIRA BASTOS

É com o mais profundo pezar que damos noticia da morte do nosso collega no jornalismo, Teixeira Bastos, cujo lucidissimo espirito se nos revelou tanta vez, em tão diversos e importantes assumptos, manifestando as aptidões variadas do illustre periodista.

Muito novo ainda arrebatou-o a morte. Teixeira Bastos contava apenas quarenta e cinco annos.

É grande a obra que deixou.

Estreiou-se, quando ainda alumno do curso superior de letras, em 1875, com o seu livro de versos *Rumores vulcanicos*.

Póde dizer-se que desde então não descançou. Enthusiasmado, pelo centenario de Camões, publicou, em 1880, o seu livro *Luiz de Camões e a nacionalidade portugueza*.

Muitos outros volumes publicou, de que citaremos *Theophilo Braga e a sua obra*, em 1893, e *A crise*, em 1894.

Republicano e socialista, collaborou nas revistas *Era Nova*, *Positivismo* e *Revista de Estudos Livres*.

Em 1880 redigiu o semanario republicano *A Vanguarda*.

Foi durante muitos annos redactor do *Seculo*, onde escreveu alguns artigos de fundo notabilissimos.

Foi vereador da Camara Municipal de Lisboa, onde muito ajudou á creação do tribunal d'arbitros avindores.

Era socio da Academia Real das Sciencias.

Depois d'um mez, em que a doença se lhe aggravou, causando lhe os maiores tormentos, Teixeira Bastos falleceu d'uma cyrrose nos rins, na sexta feira, 24.

Deixa viuva e dois filhos, a quem muito estremecia.

Theophilo Braga, a respeito do seu discipulo muito amado, escreveu estas linhas que synthetisam todo o alto valor do biographado: «Não era um iniciador, um inventor, um tribuno, um revolucionario, um genio prestigioso e deslumbrante; era o homem completo pela clareza de intelligencia, pela pureza do sentimento e pelo desinteresse e altruismo de sua actividade. Tudo n'elle era ponderado; e d'ahi essa expressão de serenidade, a bondade imperturbavel, a generosidade sem alarde.»

Os nossos sentidos pezames a todos os seus, seus amigos, e d'estes especialmente aos nossos collegas do *Seculo*.

PALACIO FOZ

A sala de jantar

E' das mais lindas e ricas do palacio Foz. Estilo Luiz XVI, tem um fogão monumental do mesmo estilo, em marmore com bronzes e dourados emmoldurado primorosos baixos relevos.

Uma lindissima fonte de marmore de Carrara, em forma de concha, com esculpturas de Simões d'Almeida, fica na parede fronteira ao fogão.

As paredes são guarnecidas de *Boiserie* e *lambris* em madeira pintada a branco e ouro e no mesmo estilo duas portas monumentaes, obra de Toreau, decorador de Versailles. Dois magnificos tremós-aparadores em talha dourada de lindissimo desenho occupam a parede fronteira ás portas envidraçadas que deitam para o jardim.

Esplendidos quadros de A. Bisschop occupam os vãos da parede, e dois lindissimos lustres em bronse dourado e crystaes de rocha, estilo Luiz XV pendem do tecto guarnecido de belos relevos e tendo ao centro um quadro de Jordaens, representando um triumpho de Bacho.

O resto da mobilia toda em estilo Luiz XVI é riquissimo assim como os crystaes e loiças.

N'esta sala não se sabe que mais admirar, se as bellezas das esculpturas e pinturas, se os quadros e moveis, pois é tudo de gosto e arte enexcediveis.

Entretanto de tudo isto se fez leilão, de que foi encarregado o sr. José dos Santos Liborio, proprietario do grande Salão de Vendas, na Avenida da Liberdade.

Assim se dispersaram tantos primores d'arte ali reunidos, e uma grande parte d'elles para sahirem as fronteiras de Portugal.

SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO

III

«Excellente resolução foi a de reunir n'uma sala a exposição dos trabalhos de Ferreira Chaves. Assim prestou-se justa homenagem á memoria do fallecido e querido mestre, e proporcionou-se ao publico o ensejo de estudar e admirar uma pagina completa da nossa arte.» Assim principia o sr. Augusto Fuschini escrevendo da obra de Ferreira Chaves, n'um artigo critico biographico, inserto no catalogo da actual exposição.

Fazemos nossas as palavras do illustre critico, que teve a fortuna de conhecer de perto e ser amigo do fallecido artista, coisa de que poucos se pódem gavar, porque o genio concentrado de Ferreira Chaves, a sua apparencia um tanto rude incobrindo nobres sentimentos, não era de molde a amizades faceis e seperficiaes dos caracteres expansivos ou indiscretos. E tanto era aquella feição de Ferreira Chaves que nem das suas obras fazia alarde, de modo que muito poucos sabiam d'ellas ou as conheciam.

Tanto mais justificada foi a surpreza de vêr reunidos uns noventa quadros d'este artista, que o era e de tal tempera, que nem a prosa das minutas de officios, nem o positivismo esmagador dos algarismos da contabilidade municipal, de que elle era chefe, conseguiram atrofiar-lhe a alma para o culto da Arte, que elle ia alimentando nas horas vagas da manga de alpaca, em que empunhava então a palheta e fazia viver na téla os seus retratados, as suas queridas flôres, as composições poeticas como a d'*As nymphas do Mondego*.

Em todas aquellas obras se mostra o talento do auctor, a sua proficiencia, o trabalho silencioso de muitos annos, consciente, serio, despreoccupado e alheio da critica facil e quantas vezes envenenada dos que nada fazem.

Preciosa a collecção de retratos exposta, pela semelhança, pela correcção, pelo colorido, pela feitura.

E' difficil a preferencia na escolha da obra do mestre, mas basta attentar na grande tela onde retrata a Ex.ma Sr.a D. Emilia Osorio de Alarcão, para se reconhecer todo o valor do artista. Está ali uma verdadeira obra d'arte; é um quadro em que a figura compõe prefeitamente com os accessorios, na harmonia de côr e de tons, prespectiva de planos, ar e luz. A vista repousa tranquilla e vae observando sem esforço todos os promenores com o seu desenho correcto, os valores justos, até o dourado do consola destaca suavemente da moldura dourada, tão certo é o tom da tinta. E, como este, poderiamos citar muitos outros retratos que formam a galeria. Os quadros de flôres engrinaldam a sala e só lhes falta o prefume. Era este o genero de Ferreira Chaves que o publico mais conhecia, talvez, d'outras exposições e das sallas dos paços do concelho de Lisboa onde se encontram bellos motivos de decoração nos tectos.

Que diremos do quadro *As nymphas do Mondego?* Que é pena não esteja acabado, porque d'este genero é das composições mais felizes que temos visto e que revelem mais talento do seu auctor.

Quando nos lembramos do que Ferreira Chaves poderia ter produzido, se a indifferença pela arte n'este paiz o não tivesse obrigado a vestir a manga de alpaca para não morrer de fome no principio da sua carreira, entristece-nos a alma por tantos talentos perdidos, tantas vocações torcidas pela dura necessidade da vida n'um paiz em que a arte é illusão de poetas que o publico não comprehende porque para isso não é educado.

«Ha cincoenta annos, quando Ferreira Chaves começou, — diz o sr. Fuschini, no seu citado artigo, — bem peores eram as condições do *meio* artistico. Assim, o homem que pelas suas excepcionaes faculdades e aptidões se devia exclusivamente entregar ao culto e á pratica da arte, teve de ir procurar as garantias da existencia no canto de uma secretaria, onde eu o fui encontrar ainda trinta annos depois!»

«Chega a gente a não comprehender como assim se póde continuar a ser artista!»

Pois era-o e ahi estão as suas obras a attestal-o e a ensinuarem quão mais pode ia ter produzido aquelle talento previligiado. O que aconteceu a Ferreira Chaves aconteceu a Lupi de quem elle foi discipulo, e se Lupi ainda conseguiu por circumstancias especiaes trocar a secretaria pela escola, chegando a ser professor da Academia de Bellas Artes, Ferreira Chaves só depois da morte do mestre, em 1881, é que foi escolhido para reger interinamente a cadeira de pintura historica, até 1897 em que esta foi posta a concurso.

D'elle receberam licções alguns artistas que hoje vão honrando a arte, como Veloso Salgado, Luciano Freire, Conceição Silva, Adolpho Rodrigues, Ferreira da Costa, Espirito Santo Oliveira e outros que não nos occorre.

Se a Ferreira Chaves faltaram incentivos para mais rasgados vôos de que seu talento era capaz, honre-se-lhe ao menos a memoria como agora o fez a Sociedade Nacional de Bellas Artes que, ao inaugurar a sua primeira exposição, ahi quiz reunir as obras dispersas do mestre para que o paiz conhecesse bem, mais um grande artista que perdeu.

IV

Numerosa e variada é a exposição de pintura; o mesmo não podemos dizer da exposição de esculptura, com respeito a quantidade, pois que em qualidade encontram-se trabalhos de merecimento, dispersos pelas salas, em bustos que as vão decorando.

A sr.a Duqueza de Palmella, que é uma artista já consagrada, expõe um primoroso busto em bronze, que offereceu para a *Assistencia Nacional aos Tuberculosos*.

Costa Motta, o auctor do monumento a Affonso d'Albuquerque, so apresenta uma cabeça de estudo, em gesso.

José Simões d'Almeida, sobrinho, um medalhão *Assistencia Nacional aos Tuberculosos*, bem composto.

José Moreira Rato Junior, um gracioso busto *D. Ignez de Castro* e outro em bronze do sr. dr. Cunha Belem.

Ainda outros bustos em gesso, obra dos srs. Costa Motta, sobrinho, Francisco Santos e um *Buste de Jeune Femme*, em barro cosido, de M.me Hendricks, muito apreciaveis.

Em compensação, a architectura está largamente representada por oito expositores, os srs. Albano Machado, Raul Lino, Francisco Carlos Parente, Francisco Soares Parente, Antonio do Couto, Costa Campos, Raphael de Castro, e Norte Junior, que expõem quinze projectos, alguns de incontestavel belleza, como o da *Estação terminus de caminho de ferro*, de Albano Machado, o *Pantheon*, de Antonio Couto, *Theatro Normal*, de Norte Junior, os *Esboços*, de Raul Lino, etc.

Na ultima exposição de Madrid, a architectura estava representada por oito expositores que apresentaram doze projectos. A regra de proporção é, como se vê, vantajosa para Portugal, attendendo ao tamanho e á arte dos dois paizes.

A exposição de aguarellas é tambem importante d'esta vez, pela quantidade e qualidade dos trabalhos expostos. Roque Gameiro continua a sustentar os seus creditos de aguarelista e a sua aguarella *Os moinhos do penedo*, é primorosa.

Antonio Ramalho, Alfredo Guedes, Alberto Sousa, Dusmet, Roldan, Lallemant, Moraes, Condessa do Prado Francisco Teixeira e Ribeiro Arthur, outros tantos expositores, conhecidos e novos, que sustentam bem esta parte da exposição e da arte n'um dos seus ramos mais difficeis.

Em desenho e na tel expõem Colunbano Bordallo, Almeida Silva, J. J. de Sousa Pinto, Antonio Ramalho, Joaquim Porphirio, D. Sophia Silva, D. Luiza Almedina, D. Virginia dos Santos Aveliar, D. Laura Sauvinet, M.elle Plantier. D. Emilia Adelaide dos Santos Braga, Alberto Ayres de Gouvêa, Sousa Lopes, Mattoso da Fonseca, vendo se alguns trabalhos de merecimento.

A gravura de madeira e de cunho está bem representada por Luciano Lallemant e Reis Loureiro com respeito á primeira, e José Simões d'Almeida, sobrinho, com respeito á segunda.

Uma novidade apparece este anno na exposição e é a secção de caricatura, em que figuram como expositores Jorge Collaço, o caricaturista do *Supplemento do Seculo* Arnaldo Ressano, que revela boa veia comica, Santos Silva e Francisco Teixeira.

N'esta exposição abriu-se mais vasto campo ás artes decorativa e applicada, o que muito concorrêu para a tornar mais attrahente e variada.

Ali encontramos as rendas de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, que tem merecido as primeiras distincções nos certamens nacionaes e estrangeiros a que tem concorrido, como em Anvers, onde lhe conferiram medalha de ouro; os primorosos esmaltes de Arthur Lobo d'Avila e Corrêa Brandão; as obras de ourivesaria de Christofanetti, em que se destaca principalmente um artistico centro de mesa em prata cinzelada; as delicadas e primorosas filagranas de Leitão & Irmão, que sustentam gloriosamente as tradições da ourivesaria portugueza; os trabalhos de galvano-plastia da Casa da Moeda; as pinturas em porcelana e em seda de D Helena Eisenbart; as obras de talha de José Emygdio Maior e Reis Pinto; as de embotido de Francisco Silverio, de inexcedivel perfeição; os trabalhos de pasta e de encadernação de Penha Garcia e A. Ferin; os de marcenaria de Joaquim d'Oliveira; obras em ferro forjado, em carpinteria, etc, e uns bellos quadros em azulejo do pintor decorador Pereira Junior, que resuscitou essa industria tão portugueza e que parecia perdida para as obras d'arte.

Emfim, a exposição d'este anno foi um acontecimento artistico de alta significação, porque veiu dar novidades e affirmar progressos animadores.

Que a Sociedade Nacional de Bellas Artes mantenha nas futuras exposições o brilho da actual; que consiga ter um edificio proprio para séde e para as suas exposições; que possa alcançar dos poderes publicos a protecção official representada por uma verba para acquisição de obras d'arte, —como ainda agora em França, apezar das finanças não serem desafogadas, o governo concedeu cinco milhões de francos á municipalidade de Paris para esse fim—, bem terá merecido da arte nacional e os applausos de todos que por ella se interessam.

Xylographo.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1892-1893

Na epocha de 1892-1893, o reportorio foi o seguinte:

Lohengrin, de Wagner, em 31 de dezembro de 1892, por Tereza Arkel, Amelia Stahl, Angelo Masini, Lelio Casini, Camillo Fiegna, Napoleone Zardo.

Gioconda, de Ponchielli, em 1 de janeiro de 1893, por Terezina Angeloni, Amelia Stahl, Lina Parpagnoli, Vincenzo Coppola, Lelio Casini, Paride Povoleri. Federico Coraluppi, Giovanni Soldá.

La Sonnambula, de Bellini, em 3 de janeiro, em que cantaram: Regina Pacini, Roza Garavaglia, Bonafous, Angelo Masini, Camillo Fiegna, Federico Coraluppi.

Carmen, de Bizet, em 8 de janeiro, por Stahl, Lina Parpagnoli, Lina Cassandro, (e depois Ines Salvador), Roza Garavaglia, Vincenzo Coppola, (e depois Ernesto Colli), Lelio Casini (e depois Zardo), Enrico Giordani, Coraluppi, Soldá, Ghidotti.

Il Barbiere di Siviglia, de Rossini, em 12 de janeiro, por Pacini, Roza Garavaglia, Angelo Masini, Enrico Giordani, Napoleone Zardo, Povoleri Soldá, Ghidotti. No ultimo acto, na scena da lição, Regina Pacini cantou as variações de Proch, e no final da opera a aria de *Mireille*, de Gounod.

La Favorita, de Donizetti, em 21 de janeiro, por Stahl, Garavaglia, Masini, Casini, Povoleri, Coraluppi.

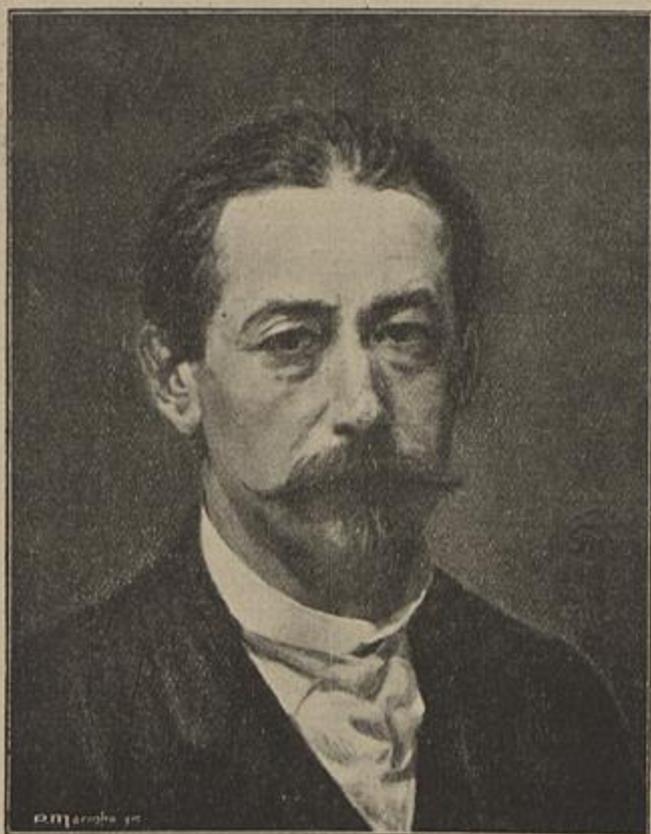
Lucia di Lammermoor, de Donizetti, em 26 de janeiro, por Pacini, Garavaglia, Coppola (e depois Colli), Casini (e depois Zardo), Povoleri (e depois Fiegna), Coraluppi, Ghidotti.

Orfeo, de Gluck, em 28 de janeiro, por Stahl, Cassandra (e depois Angela Ruanova), Garavaglia.

Norma, de Bellini, em 4 de fevereiro, por Arkel, Inés Salvador, Garavaglia, Coppola, Povoleri, Coraluppi.

Crispino e la Comare, de Ricci, em 14 de fevereiro, por Pacini Garavaglia, Coraluppi, Giordani, Zardo, Soldá, Ghidotti, Marzocchi. No 3.º acto Pacini, em logar da canção da opera, cantou a aria *Fior di Marguerita*, de Arditi.

Gli Ugonotti de Meyerbeer, em 23 de fevereiro, por Arkel, Pacini, Salvador, Garavaglia, Bonafous, Gregorio Gabrielesco (e depois Emilio Metellio), Gulio Rossi, Ignacio Tabuyo, Coraluppi, Soldá, Ghidotti, Masip.

Il vascello fantasma, de Wagner, em 3 de março, por Arkel, Garavaglia, Colli, Tabuyo, Rossi, Masip.

RETRATO DO FALLECIDO PINTOR
JOSÉ FERREIRA CHAVES

UM NOMADA — *Quadro de Jorge Collaço*

SOLDADO INDIGENA (INDIA)—*Aguarella de Ribeiro Arthur*

CAES DAS COLUMNAS — *Aguarella de Alfredo Moraes*

LENÇO GOTHICO—*De D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro*

RETRATO DE UMA MENINA — *De Almeida e Silva*

L'Africana, de Meyerbeer, em 7 de março, por Arkel, Ruanova, Garavaglia, Gabrielesco (e depois Colli), Tabuyo, Fiegna, Coraluppi, Thos, Soldá, Ghidotti.

L'ebrea, de Halévy, em 14 de março, por Arkel, Ruanova, Metellio, Rossi, Masip, Thos, Soldá, Ghidotti.

Tannhauser, de Wagner, em 19 de março, por Arkel, Garavaglia, Metellio, Kaschmann, Thos, Masip, Coraluppi, Soldá.

I Puritani, de Bellini, em 20 de março, por Pacini, Garavaglia, Colli, Tabuyo, Rossi, Coraluppi, Soldá.

Em 6 de fevereiro de 1893, em beneficio das associações, Auxiliar da Missão Ultramarina e das Raparigas Pobres, representou-se o 1.° acto da opera *Lohengrin*, acabando no duetto das damas; cantaram: Pacini, o rondó da opera *Lucia di Lammermoor*, e Giordani uma aria buffa de Cortesi; fizeram scenas comicas os actores Valle e Taborda.

Em 14 de fevereiro, terça feira de entrudo, houve recita extraordinaria com a opera *Crispino e la Comare* e depois baile d emascaras. A sala estava adornada com flores, plantas, tendo nove grandes repuchos illuminados com cinco arcos voltaicos, luzes de côres, etc.

Em 13 de março, em beneficio da caixa de soccorros a estudantes pobres, houve um grande sarau.

N'este sarau a orchestra tocou o preludio do 1.° acto do *Lohengrin*, a abertura da opera *Il vascello fantasma*, de Wagner, e a valsa de Siglob; e houve um concerto de guitarras por José de Castro (regente), Eduardo Silva, Carmo Dias Junior, Venancio Costa, Lobo Pimentel, Julio Rodrigues, Carolino Brandão e Paulo Martins.

Cantaram: Colli as romanzas das operas *Gioconda* e *Pescatori di perle*; Metellio, romanza da opera *Mignon* e *je t'aime*, de sua composição; Tabuyo, a romanza *La mia sposa sarà la mia bandiera*, de Rotoli; Rossi, a romanza da opera *Simone Boccanegra*; Pacini, as variações de Proch, e cavatina da opera *Semiramide*, e Cinira Polonio, tres cançonetas em francez.

Recitaram: Valle, a scena comica *o meu imposto*, Henrique Santos, uma poesia de Gonçalves Crespo. Acompanharam ao piano Antonio Duarte da Cruz Pinto e Ignacio Tabuyo.

Terminou o espectaculo com a farça *O Tio Rufino*, de Gervasio Lobato, pelos estudantes: Illydio Amado, Manuel Penteado, José Abreu, João da Gonta, Alfredo Pinto, João Galhardo, Frederico Taveira, José de Padua, e Carvalho da Silva.

Em 28 de março, festa artistica de Regina Pacini, representou-se a opera *Lucia di Lammermoor*, por Pacini, Kaschmann e Metellio, omittindo-se as arias de barytono e tenor. A beneficiada cantou a *Myosolis*, de Felicien David; a aria da opera *Flauto magico*, de Mozart; e as *carceleras*, em hespanhol, de Chapi.

N'esta noite o theatro estava brilhantemente illuminado, e ornamentado o palco e tribuna real com profusão de plantas e flores. Teve Regina Pacini grande ovação, com muitas chamadas, flores, pombos, etc.

Foi contemplada com dadivas de joias, offerecidas pelas rainhas D. Maria Pia e D. Amelia, marquez de Franco, Romero, Bergaro, José Rego e emprezario.

(Continúa).

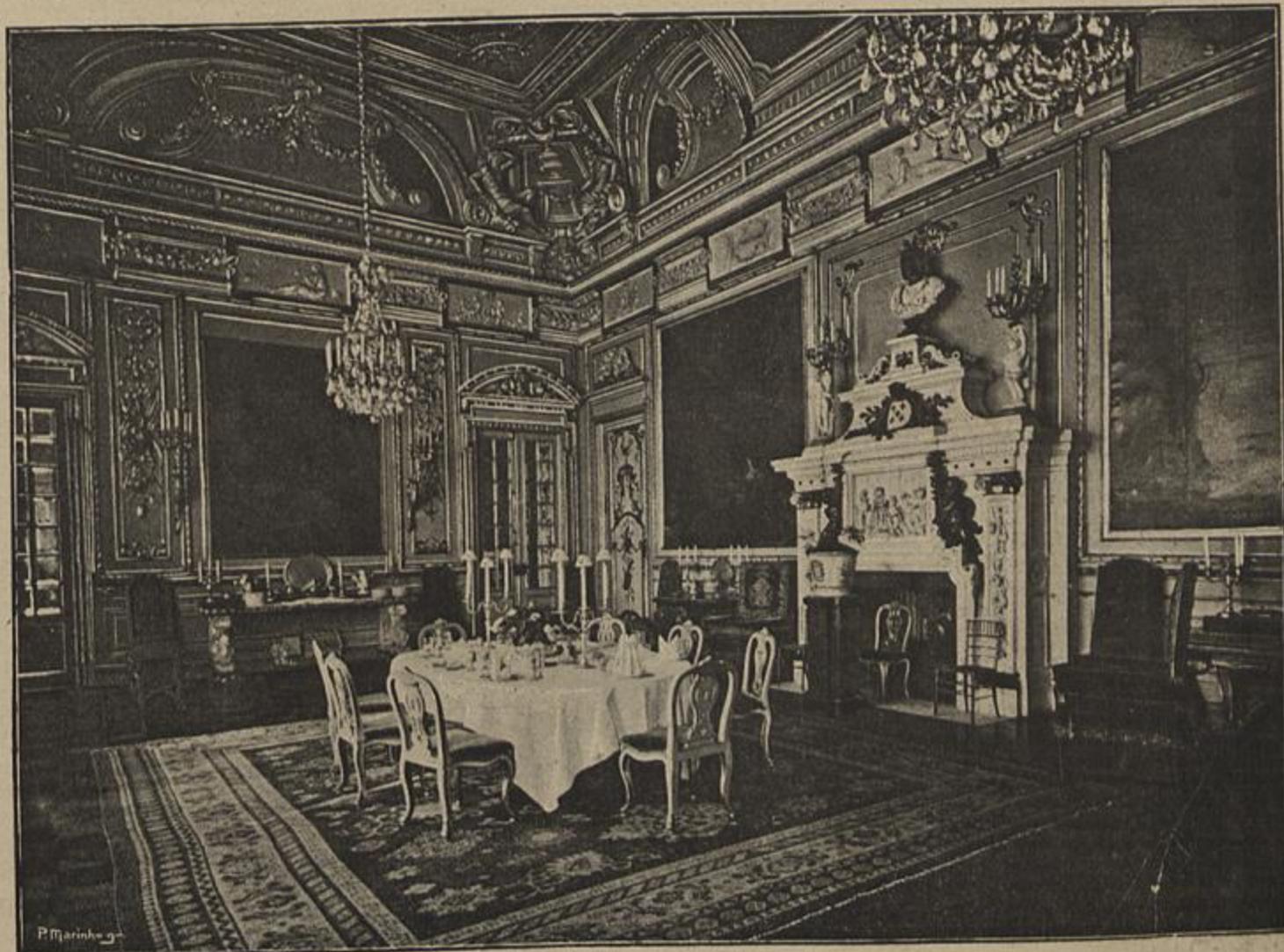
F. da Fonseca Benevides.

TEIXEIRA BASTOS

FALLECIDO EM 24 DE MAIO DE 1901

A dynastia marátha da India e a origem portugueza do seu fundador

É conhecida na historia das Indias orientaes a grande e famosa liga nacional hindú, designada pelo nome de *Confederação dos maráthas*, que se formara no seculo XVII para sacudir o jugo mahometano do poder Moghol, e cujo imperio durou na India quasi dois seculos (1634-1818).

Sivagy Bounsuló, o fundador da confederação, attrahira para si levas de tropas de todo o vasto territorio antigamente chamado *Maharástra* (gran-

PALACIO FOZ — SALA DE JANTAR

de região). *Maharástra* confina ao N. com o rio Narbádá, a L. com o rio Waingangá, a O. com o oceano, e ao S. com os rios Krishná. Correspondem ás regiões comprehendidas entre os Berars da India central e os districtos meridionaes da presidencia de Bombaim até Gôa, isto é, todo o Deckan e Konkão. E já anteriormente fôra um reino hindú, ao tempo das viagens do celebre peregrino chinez, Hiuen Tsiang (640 A. D.), tendo por capital a antiga cidade de Kalián, perto da moderna cidade de Bombaim.

Chegando a alcançar supremacia na India meridional, Sivagy assumira em 1664 o titulo de rei supremo, e a sua empreza foi continuada pelo filho, Sambagy, e pela dynastia dos Peixuás fundada pelo ministro brahmane do mesmo Sambagy, Balagi Vissuanáth, a favor do qual resignára Sahú, filho de Sambagy, o imperio maratha hindú. O famoso Náná Sahib, chefe da grande revolta de 1857 contra os inglezes, foi filho adoptivo do ultimo Peixuá.

Sivagy Bounsuló nascêra em 1627, e foi filho de um soldado Rajputra, Shagy Bounsuló, que combatêra em favor dos reis mahometanos de Ahmadnagar e de Bijapur (Adil-Khan ou Hidalcão) contra os Moghoes. Ora a aldeia do seu nascimento foi Virar, Birar, ou Berar, proxima da nossa antiga e importante cidade de Baçaim, que hoje pertence á presidencia de Bombaim, e que n'outro tempo, depois que fôra cedida a Portugal, em 1534, por Bahadur Shah de Guzerate, fôra *Prazo da Coróa* pertencente ao fidalgo portuguez, D. Manuel de Menezes (Ericeira).

Segundo o principio — *Pater is est, quem nuptiae demonstrant*—, é certo que Shagy Bounsuló foi pae do grande fundador do imperio maratha, como fôra, desde 1634, seu antecessor no lançamento das bases d'esse imperio. Parece, porém, que entre os seus contemporaneos houve desconfianças ácerca da legitimidade da sua filiação; e ao mencionado D. Manuel de Menezes foi attribuida a verdadeira paternidade. E o que se deduz das seguintes palavras com que principia o primeiro capitulo de uma interessante monographia sobre Sivagy, escripta por um filho da India, Cosme da Guarda, natural de Mormugão, e publicada em Lisboa em 1730: —

«A Aldea de Virar perto da Cidade de Baçaym, «terras da Coróa Portugueza, foi a patria de Se-«vagy. Era Senhorio d'esta Aldea Dom Manoel «de Menezes, e não faltou quem dissesse era Se-«vagy seu filho. Valha a verdade. Mas foy sempre «tido pelo menor de doze filhos de Sagy, capitão «do Idalcão, que morreo de velho, governando os «Reynos de Maduré, Tangan e Tinja.»

Segundo escreve o sr. dr. A. E. d'Almeida Azevedo no seu livro *As Communidades de Gôa*, Sivagy é um heroe que dá ares do nosso D. Affonso Henriques no retrato do sr. Oliveira Martins.

E entre os pareceres que precederam as licenças do Santo Officio para a publicação do livro a que alludi, encontra-se um, do Conde da Ericeira, no qual se lê o seguinte: —

«... bem podia eu interessar-me em contradi-«zer que não era da Familia dos Menezes quem «foi infiel ao seu Deos, e ao seu Rey, mas se aca-«so teve este sangue que lhe deu o valor e a «sciencia militar, como tantas vezes se experi-«mentou na Asia, a educação que he muitas ve-«zes mais poderosa que a mesma natureza, podia «preverter as outras calidades que nunca faltarão «aos verdadeiros Menezes...»

Não tinha, porém, razão o conspicuo auctor do parecer. Sivagy, embora D. Manoel de Menezes tivesse sido seu verdadeiro pae, pas-ou sempre por filho de Shagy, e mesmo certamente aos olhos d'este, que o educou na sua religião hindú, ao lado de quem elle combateu, e o qual lhe legou por herança o seu grande partido e um feudo militar, como se vê da *History of the Maráthás* por Grant-Duff (vol. 1.º, pg. 90, ed. de 1863). Não podia, portanto, Sivagy ser fiel ao Deus Christão dos portuguezes, elle que tinha a sua religião e o seu deos.

Sivagy não era como o celebre filho adoptivo do ultimo Peixuá de Puném. Este foi pequeno e bandido como um salteador; aquelle foi grande e gigante como Alexandre. Náná Sahib era a revolta, mas Sivagy representava a revolução. Este symbolisava a ideia; aquelle, a vingança.

E, ou porque o seu alvo principal fosse derribar o poder mahometano, ou porque os estabelecimentos portuguezes da India fossem anteriores á fundação da sua empreza, ou em consideração a D. Manoel de Menezes e aos portuguezes visinhos, ou seja pela circumstancia dos portuguezes não terem combatido os hindús, mas os moiros, o certo é que Sivagy não dirigiu as suas investidas contra os dominios de Portugal. Verdade seja que chegára a atacar Pondá e suas dependencias, mas esses territorios não eram a esse tempo dominios portuguezes.

Tendo fallecido em 1680, foi Sambagy, seu filho, que mandára tomar-nos a ilha de Angediva, a qual o vice-rei Francisco de Tavora, conde de Alvôr, sustentou a todo o transe, e a terra de S. Cruz e Asserim, e a cidade de Pate, que o governador D. Rodrigo da Costa lhe reconquistou.

As principaes luctas portuguezas com o Marátha foram posteriores ao estabelecimento da dynastia dos Peixuás. Mas já pelo Tratado de 1661 Bombaim fôra cedida aos inglezes em dote da nossa Infanta, casada com Carlos II. E foi por capitulação de 19 de maio de 1739 que Baçaim, com suas dependencias, e outras povoações e cidades proximas de Bombaim (excepto Damão e Diu) passaram depois ao poder dos marathas, e finalmente aos inglezes.

Admira que ao citado autor Grant-Duff, a Sir W. W. Hunter e aos outros escriptores inglezes que se teem occupado da vida de Sivagy, tivesse escapado esta nota curiosa sobre a origem portugueza do insigne chefe da confederação maratha. E' possivel que algum outro a tivesse encontrado modernamente, mas não me consta.

Christovani Pinto.

LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XI

Mais uma outra machina photographica imaginada por Schlesinger e construida por Gillon.

As chapas são, como de costume, collocadas em um *châssis* metallico, o qual, por seu turno, se colloca em uma caixa (cartouche), fechada por todos os lados, mas na qual se podem facilmente levantar os caixilhos que constituem o fundo da referida caixa, ficando as chapas livres e em contacto com o mechanismo da machina. Dois colchetes sustentam a chapa a impressionar, a qual, em seguida, por meio de duas alavancas, é arrastada para o fundo da caixa.

Impressionadas todas as chapas da caixa, fecham se os caixilhos, podendo-se d'esta fórma e em pleno dia, serem estas tiradas e substituidas por uma nova caixa (cartouche).

O obturador da machina é egualmente um pouco diverso d'aquelles que até hoje se conhecem.

Compõe-se este, de dois postigos, girando um sobre o outro, regulando o tempo de pose ou instantaneo. Em qualquer dos casos, a abertura e o fecho da objectiva deve ser rapido.

A collocação em fóco é feita por deslocamento de parte da caixa que constitue a machina, a qual contém a objectiva.

A lente ocular, immovel, acha-se situada lateralmente á camara escura, correspondendo o seu eixo ao da objectiva, porém a *oeillete* (viseira) que lhe corresponde, está collocada na parte anterior da mesma camara.

D'aqui se vê a serie de aperfeiçoamentos que esta nova machina photographica comporta.

XII

Pode-se, por meio da photographia, obter os effeitos do luar. Para que se chegue a este resultado, o meio a seguir é facillimo. Basta para isso o seguinte:

Colora se a prova positiva sobre o vidro ordinario, mergulhando-o na solução que indicamos.

Agua	20 gr.
Sulphato de ferro	3 »
Acido citrico	3 »
Alumen	1 »

Retira-se, de vez emquando, a chapa para observar a mudança de coloração, a qual, no fim de algum tempo vira ao azul escuro, obtendo-se d'esta fórma uma imitação perfeita do luar.

A. M.

FA SUSTENIDO

POR

Alphonse Karr

O Barão disse a palavra tão proximo já de irado, que o Athanasio, ao acaso, cantou o que primeiro lhe veio á cabeça.

Ao Rheno, ao Rheno, ali são nossas vinhas;
Ao Rheno vamos já, ao Rheno vamos já!

— E depois? disse o Conrado, que tinha escutado sem respirar.

— Depois, disse o Athanasio que estava pouco disposto a cantar, depois não sei.

— Mentes! disse o Conrado.

Mentisse ou não, mais valia para o Athanasio continuar na mentira, que ninguem podia provar, do que confessar que tinha mentido sem mais razão do que seu máo humor.

Fosse como fosse, affirmou que não sabia o resto.

— Mas, disse o Barão, sabe-o a tua amante.

— Creio que sim.

— Deves sabel-o ao certo, se era ella quem a cantava

— Não posso dizer a V. Ex.ª se era esta ou outra cantiga que ella cantava.

— Onde está ella?

— Foi á terra.

— Onde é a terra d'ella!

— Isso é que não sei.

— Quando volta?

— D'aqui a um mez.

— Está bem.

XXVIII

Este dialogo ainda aferrou mais o espirito do Barão ao desejo, que tanto o atormentava, de tornar a achar Branca ou, melhor, a cantiga que ella cantava.

— Porque, dizia, Branca não seria capaz de me commover como d'antes, ainda que fosse a mesma; dentro em mim ha um sentido que está morto.

Entretanto, como não queria endoidecer de todo, não deixava uma só noite d'ir á opera para ver se acertava em metter outra musica na cabeça; mas em cada aria nova só notava os pontos de similhança ou dissimilhança que tinha com o que queria esquecer, e só lhe servia para mais lembral-o.

Um dia disse ao Athanasio:

— Secco me; a minha vontade era voltar para Ober-Wesel.

O Athanasio, que via, cheio de susto, chegar a epocha em que a amante havia de voltar, agarrou-se logo áquella idéa.

— Isso é que v. ex.ª devia de fazer. O inverno está passado, accrescentou com emphase; v. ex.ª iria assistir ao despertar da natureza e aos primeiros gorgeios dos passarinhos.

— Não tinha duvidas em partir, se a tua amante já estivesse de volta.

Que diabo quer elle da minha amante? pensava Athanasio. Quererá ficar-me com ella? Isso é que era optima idea; tenho-lhe visto manias taes, que o julgo capaz de tudo.

Mas Conrado accrescentou:

— É por causa da tal cantiga.

— O que! disse o Athanasio. Aposto que a sabe tanto como eu a sei.

— Como assim! disse o Barão.

— E' que no outro dia atrapalhou-me tanto e com tal insistencia, querendo que lhe cantasse uma cantiga, que me parece que escolhi aquella ao acaso e só porque muita vez a ouvi cantar a v. ex.ª

— Vamos para Ober-Wesel, disse o Barão resignado.

— Vamos para Ober-Wesel, disse o Athanasio triumphante.

XXIX

Ao sr. Athanasio, em casa do sr. Barão Krunpholtz

RESIDENCIA

Cheguei um dia d'estes com toda a papelada precisa para o casamento e logo me disseram que partiu ha cinco dias; não quero commetter a injustiça de attribuir a partida á sua vontade, quero crer que se viu na obrigação de seguir seu amo. Mas porque me não deixou uma carta para me socegar?

O seu amo não lhe negará decerto uma licença de alguns dias, quando souber que é para casar-se.

Portanto aqui o espero, meu querido Athanasio, cheia de impaciencia, de que fará idéa, assim o espero, comparando-a com a sua

Branca.

XXX

Ao sr. Athanasio, em casa do sr. Barão Krunpholtz

RESIDENCIA

Quinze dias sem me responder! É uma troça insultante? Cuida que soffrerei taes ultrages sem

me defender? Tenho a promessa de casamento que me fez e vou entregal-a aos tribunaes. Mas não é isto o que mais o vae desasocegar. Saiba que da minha parte tem que esperar uma perseguição eterna e quanto o resentimento d'uma mulher póde mais cruel imaginar.

Branca.

XXXI

O Athanasio ficou assustadissimo.

Por outro lado, o aborrecimento sempre progressivo de que o Barão soffria, acabava de lhe dar cabo da saude e este estado augmentava-lhe o aborrecimento.

O Athanasio durante a noite derrubou no parque a cabana de colmo; cavou a terra e semeou-lhe cebolinho.

Furtou o lenço azul que o amo comprára á tia da Brancasinha. Um dia que elle quiz ir de passeio ao rochedo de Loreley, quebrou um remo do bote.

Pagou aos camponezes, no dia dos annos do Barão, para lhe virem fazer á porta um arraial.

A todos os amigos do Barão escreveu dizendo-lhes que a saude do amo lhe inspirava serios cuidados e que muito, coitado, precisava distrahir-se, de modo que o retiro de Ober-Wesel estava sempre cheio de gente. Durante um mez, conseguiu convencer o Barão de que o cavallo em que mais gostava de montar estava coxo e não podia sahir da cavallariça.

Cada manhã, quando o Barão o chamava, punha-se logo a falar com espanto da mudança que lhe via no rosto, na pallidez, no ar doentio.

Nunca tão desgraçado o Conrado se sentira. Quando o Athanasio percebeu que elle ia rebentar, disse-lhe um dia:

— O meu caro patrão bem sabe que os medicos lhe disseram que viajasse.

— Talvez não deixem de ter razão, respondeu.

— Nem o patrão calcula o bem que lhe faria; até nas pequeninas jornadas que fizemos ultimamente me pareceu em cada muda vel-o mais gordo, pelo menos meio arratel e mais novo dois annos.

— Pois ahi está! disse o Barão. Vou-me em busca do fim da cantiga.

XXXII

E quem sabe se não encontrarei Branca?

O mais certo é nem uma nem outra; mas não é máo pretexto para viajar, e assim sempre arranjo uma ligação com o meu passado.

E depois que mais tenho eu que fazer? Talvez me não divirta, mas sempre variei de aborrecimento. Parece me que só pensar na viagem me faz bem.

Mas aonde hei de ir?

Se as chego a encontrar, aposto que ha de ser depois de haver percorrido todas as terras em que não hão de estar.

É má sorte de todo o homem, dizer ou fazer qualquer coisa boa, só depois de haver sobre o assumpto exgotado todo o mal que possa dizer-se ou fazer-se.

E' por isso que o trecho que se procura n'um livro está sempre no ultimo volume que se folheia.

Quando os primeiros physicos e astronomos fizeram umas observações sobre a terra e sobre o sol, tinham só uma de duas a concluir:

A terra é que anda;
Ou quem anda é o sol.

Logo concluiram o que era falso.

Foi só depois de exgotarem quanto havia a dizer sobre a phenix que descobriram que a phenix nunca tinha existido.

Embora se diga quotidianamente muita tolice, peor seria se os que antes de nós viveram nos não houvessem roubado uma boa parte.

A verdade é uma só, a falsidade é multipla horrorosamente; cada verdade só existirá depois do reino da falsidade, sob todas as formas e modificações, divisões e subdivisões.

Pergunta-se a um homem o que houver de mais simples, logo lhe cheira a esperteza e não responde certo.

Digam n'um grupo de dez pessoas: Adivinhem o que vou pôr na cabeça, quando d'aqui sahir. Depois de muitas hesitações, haverá talvez uma que diga a medo: o chapéo. As outras nove antes nos quereriam pôr na cabeça as ruinas de Andemach.

É por isso que vou n'esta minha viagem fazer o que costumo quando quero procurar um trecho n'um livro: começo pelo volume que por um primeiro movimento ou impulso notavel deveria ser o ultimo.

Deveria começar pela Allemanha, Suissa, Italia, França... Pois pela França é que principio, e depois vou á Italia, e volto pela Suissa.

XXXIII

O Athanasio, que a todo o instante tremia de ver chegar uma esposa por mandado de justiça, activou os preparativos da jornada com estranha diligencia. A carruagem de posta, que, para uma viagem desagradavel ao Athanasio, exigiria concertos para um mez, estava prompta no dia seguinte. E durante todo esse tempo o Conrado cantarolava:

Ao Rheno, ao Rheno, ali são nossas vinhas!
Ao Rheno vamos já, ao Rheno vamos já.
A vinha...

Ao Rheno, ao Rheno, ali são nossas vinhas!
Ao Rheno vamos já, ao Rheno vamos já!
A vinha...

Ao Rheno, ao Rheno, ali são nossas vinhas!
Ao Rheno vamos já, ao Rheno vamos já!
A vinha...

A carruagem de posta começou rodando.

— Ah! disse o Athanasio.

A poucas leguas d'Ober-Wesel duas carruagens pararam na mesma estalagem: a sege de Krumpholtz e uma carruagem publica onde ia a amante do Athanasio.

O Athanasio escondeu-se na cavallariça, emquanto ella esperava a vez para pagar ao cocheiro, porque ali mudava se de carruagem. Aquelle atrazo porém causava-lhe impaciencia; batia com o pé no chão e cantarolava por entre dentes para disfarçar o mau humor.

O Athanasio tinha-se escondido debaixo da mangedoira. Nunca a uma cantiga prestára tamanha attenção, porque do final d'aquella dependia o ver-se livre. Por fim o cocheiro recebeu o dinheiro de Branca, que subiu para um carrinho, que a levaria directamente a Ober-Wesel. O Athanasio e o Conrado puzeram-se novamente a caminho, n'uma direcção opposta.

XXXIV

Em caminho, o Conrado tomava um caldo no quarto e o Athanasio comia á meza redonda, espantando toda a gente pela franqueza e o á vontade de suas maneiras.

Um dia tomou conta d'um capão; ou outros viajantes nada disseram, interiormente reconhecidos, como sempre em viagem, a um homem que sabe trinchar.

Effectivamente, com notavel desembaraço, trinchou uma aza, pôl-a na travessa, e no prato d'elle o resto do capão, de que deu cabo em oito minutos.

(Continúa).

Recebemos e agradecemos:

O foragido — *romance de Pedro Americo de Figueiredo — Com uma noticia biographica de Cardoso de Oliveira — H. Garnier, editor — Rio de Janeiro — Pariz, 1889.*

No nosso numero 772, de 10 de junho de 1900, publicámos a reproducção do notavel quadro *Pax et concordia*, original do illustre pintor brazileiro sr. Pedro Americo, e que então se exhibia na exposição universal de Paris, despertando justificada admiração.

Como se sabe, o nome do sr. Pedro Americo está de ha muito consagrado. O seu quadro *Batalha do Avahy* é uma das suas mais celebradas obras. Mas nem só a paleta e os pinceis recebem honroso culto de tão habil artista. Os seus variados estudos em diversas universidades e escolas superiores da Europa grangearam lhe a reputação de sabedor e talentoso. Ahi alcançou o grau de doutor e de lente adjunto á universidade de Bruxellas, sendo o nome do dr. Pedro Americo collocado pelos mais abalizados criticos entre os dos principaes philosophos brazileiros.

A par da sua bagagem artistica figura, pois, a litteraria e scientifica, que não é de menor valor, e de que ha parte publicada e parte ainda inedita, sendo esta ultima constituida principalmente pelo seu *Curso d'esthetica*, professado na Academia das Bellas-Artes do Rio de Janeiro e pela *Refutação á «Vida de Jesus»* de Renan.

Os estudos philosophicos tem-os o sr. Pedro Americo apresentado tanto sob a forma de romance como em instructivos capitulos didacticos. Dos seus romances estão publicados: *Holocausto* (Florença, 1882), *Amor d'Esposo* (id. 1886), *O brado do Ipiranga* (id. 1888), e o *Foragido* (Paris, 1889) que temos presente.

Este ultimo recebemol-o ha pouco e sabemos que o auctor trabalha n'uma segunda edição. Vem precedido por uma lucida noticia biographica do sr. Pedro Americo, devida á penna do sr. dr. José Manoel Cardoso de Oliveira, e na qual se encontram reunidos os melhores elementos para conhecer a accidentada vida do illustre artista, verdadeiro exemplo de força de vontade e de intelligente applicação.

N'ella se referem episodios extraordinarios, como por exemplo, aquelle de quando, proseguindo os seus estudos em Paris, se viu obrigado pela necessidade a vender as medalhas que ganhara durante o seu tirocinio academico; triste incidente que foi augmentado com a magua por que passou o honestissimo artista ao ver-se preso por suspeitas de ter subtrahido tão avultado numero de medalhas de algum museu ou collecção franceza! Felizmente, a prisão ficou sem effeito logo ás primeiras explicações do artista.

A carreira de muitos homens illustres tem d'estas ironias com que a sorte os punge e que mais tarde constituem motivos de gloria.

No romance *Foragido* esboça-se a eterna historia do coração humano, tão obscura e ás vezes tão contradictoria, como o nota o proprio auctor.

Sem entrecho emmaranhado segue-se facilmente a acção e o pensamento de cada uma das duas personagens principaes e do protogonista. As scenas, pouco extensas, são enriquecidas com formosas descripções panoramicas e eruditas reflexões psychologicas. Sem dialogo, a belleza do romance concentra-se n'aquelles predicados, que tornam o livro instructivo e de sã leitura, achando-se fora das preoccupações das escolas hodiernas e longe dos seus excessos. A linguagem conserva-se quasi sempre pura de impropriedades o que augmenta o valor do romance As illacções philosophicas conduzem suavemente a um ideal de justiça que muito ennobrece o esclarecido espirito que as elaborou.

Illustra o volume um bom retrato do auctor.

Diccionario de technologia aduaneira *para Portugal e Brazil — por José Augusto da Silva Sampaio — 3.º verificador das Alfandegas — Lisboa — 1900.*

Está concluido o segundo volume d'este importante diccionario, com o qual o sr. Silva Sampaio vem prestar um enorme serviço ao funccionalismo aduaneiro, pois que n'elle se estampa com particular cuidado, além das mais interessantes e eruditas indicações, um copioso repositorio das respectivas disposições fiscaes de Portugal e Brazil.

Mais do que um diccionario da especialidade, o que já assim lhe garantiria um grande valor, o *Diccionario de technologia aduaneira* é uma verdadeira encyclopedia, em que se tomou para bem a enumeração alphabetica de quantos productos entram no commercio universal e sobre cuja importação e exportação cada paiz nos seus diversos regimens alfandegarios fazem incidir varios direitos, cujas percentagens constam das suas pautas aduaneiras.

Acerca, pois, de cada um d'esses diversissimos productos tanto naturaes como manipulados encontra quem consultar o *Diccionario de technologia aduaneira* a sua definição; synonimia, tratamento, producção, propriedades e qualidades, composição, processos de fabrico ou preparação, applicações, falsificações, estado em que se importa ou exporta, regimem nacional e estrangeiro, etc., etc. o que permitte estudar com a maior utilidade, seja qual fôr o ponto de vista com que se procure, conhecer o objecto ou producto em questão.

Póde avaliar-se da importancia da obra considerando que ella deve abranger uns 20:000 vocabulos egualmente interessantes ao commercio, funccionalismo, estudantes, industriaes, etc.

Na empreza do OCCIDENTE está aberta a assignatura d'este utilissimo diccionario, ao modico preço de 100 réis cada fasciculo, de 32 paginas impresso em magnifico papel com nitida impressão.

Orizzonti intellettuali del secolo XX *por G. Viscardi — Estratto dalla Rivista politica e letteraria — Febbrario, 1901 — Stabilimento tipografico della «Tribuna», Roma — 1901.*

N'um dos ultimos numeros da importante revista romana *Rivista politica e letteraria* publicou o sr. Guglielmo Viscardi o artigo presente, intitulado: *Horisontes intellectuaes do seculo XX*, e d'elle nos offereceu uma *separata*.

O Real Theatro de S. Carlos

RICARDO WAGNER

Logo que o seculo XIX esteve prestes a terminar não faltaram horoscopos de todo o genero a respeito do seguinte. Fizeram-se balanços moraes, rezenhas as mais curiosas das guerras, das artes, das industrias, do commercio e das sciencias e seus progressos durante tão longo periodo de cem annos. E, se, em geral o activo material e scientifico fazia honrosa face ao passivo deixado pelo seculo anterior, a verba moral ou era difficil de computar ou offerecia grande quebra.

As previsões appareceram então de todos os lados. Na Europa a raça latina, influenciada talvez pela sua tendencia natural para o maravilhoso, anteviu prenuncios risonhos, esboçados com bellas côres, que os factos e o tempo se encarregaram de ennegrecer. Na França e na Italia os escriptores mais operosos terçaram pelo assumpto. Assim o sr. Viscardi se não foi dos primeiros tambem não é dos ultimos, e n'este seu escripto nos affirma que no dominio mais comprehensivo da actividade humana se pode rasoavelmente esperar do seculo XX uma mais intima penetração em todos os ramos da vida de aquelle espirito scientifico, cujos elementos se elaboraram no seculo XIX, alcançando-se desde uma concepção geral positiva do mundo e da vida até uma indiscutivel unidade intellectual, directora e organisadora de toda a actividade. E seguindo tão suggestivo ponto de vista por todo o seu artigo, o sr. Viscardi termina assim:

«A edade madura — diz um illustre pensador que não é um positivista, Fouillée, mas cujas palavras synthetisam egualmente bem o nosso pensamento — a edade do bom senso chega para a sociedade como para os individuos, quando o espirito philosophico penetra na intelligencia, nas leis, na educação.

«Mas o espirito philosophico que penetrará todas estas coisas não poderá ser senão a natural, necessaria, espontanea, integração da experiencia humana.

«Só então como a religião foi a primeira philosophia, esta que no estado presente de elaboração nós chamamos positiva, mas que no futuro será a philosophia sem epitheto, ficará a ultima, a unica, a verdadeira e catholica religião — *religio a religo* — de uma civilisação mais desenvolvida.

«Não é esta pouca luz, certamente, para o horisonte de um seculo.»

RÉCTIFICAÇÃO

No artigo publicado a pag.ª 99 d'este volume sobre o vice-almiraute João Capello, sahiu que o fallecido era director do Observatorio Astronomico da Escola Polytechnica, quando devia ser do Observatorio Meteorologico do Infante D. Luiz, da mesma escola.

Ahi fica a réctificaçao para evitar confusões futuras.